



**NINGUÉM
FOI A
BUENOS
AIRES**

DIEGO



**#ésobrenós
EDITORA**

**NINGUINGUÉM
FOI A BUENOS AIRES**

DIEGO

©Diego, 2023

Título: Ninguém foi a Buenos Aires

Autor: Diego

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: geral@esobreler.ao

Instagram: @diego.satn

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Francisco Andrade Quitunga

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Revisão

Diego | Lucas Cassule

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN:

Edição Digital: Janeiro de 2023

É SOBRE NÓS EDITORA

Luanda – Angola - Tel: +244 926 155 992 | +244 919 146 296

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

DIEGO

Elias Joaquim, ou simplesmente DIEGO, é angolano, nascido a 09 de Junho do ano 2000. Actualmente, estudante universitário do curso de Economia e Gestão, em Portugal. É escritor, fundamentalmente de prosa, sendo que assina seus trabalhos literários com o pseudónimo Diego. E, embora a actividade literária seja para ele ainda bastante recente, tendo se iniciado nas letras apenas por volta de 2019, conta já com um livro publicado no mercado angolano de título “A Morte do Ex-presidente”, e com a criação de um blog um ano depois, que passou a funcionar como uma espécie de editora de e-books por onde seus trabalhos foram saindo, dentre os quais três contos e uma novela.

As suas principais referências literárias não fogem muito daquilo que é o panorama lusófono, sendo influenciado pela ficção produzida em Angola, pela poesia de Portugal e pelo manuseio da língua por parte de grandes escritores brasileiros

Como se despede de uma cidade como esta? A resposta surge por si numa brisa sem mar, numa descida que diz cascais por todos os cantos: canta-se mais alto já agora, berra-se, beija-se a calçada e abraça-se a igreja do fim da rua. Vai-se ao mar ao invés do comboio, está tão cedo para dizer adeus neste leve que nos convidam as circunstâncias... o melhor é calcar a terra com pés de homem, descalços, manchar o mar que por aqui passou e fez morada. Pobre dos pés e sombras e dedos cravados, cheios de pecados à espera que o mar os perdoe... o mar não nos ouve daqui, eu digo pai e ele não me responde, pareço um pintor d'almas perdido aqui sentado, cruel livramento, recompensa e castigo, eu digo pai e as ondas são ondas a mesma, não me devolvem o eco da voz porque em silêncio estou, o que berra são os olhos, os pecadores pés e sombras e dedos cravados, os que choram são os outros, a calçada pisada e o sino de igreja fartos que as pessoas mintam, farto que Jesus jamais se livre da cruz, que não a carregue por seus próprios pés ao avesso de clamores por misericórdias e compaixão. O sangue dos homens escorre entre abismos farto que o mortal viva a esbanjar como quem sabe que desvive nunca. Se o

mar mente, o mar mente vestido de sangue, não é branco pois não é piedoso como lhe confere a brancura, não é translúcido pois a verdade a ele é castigo, custa-lhe, arranca-lhe pedaços de ventos azuis. Quantas mais lágrimas inibidas de injúrias ou inverdades, mais ondas amolecem ou se solidificam. Mais o mar, aliás, o céu... mais o céu lhe foge do beijo em cumplicidade, na noite ou enquanto se faz dia, eu digo pai seja em estoril ou seja em aveiro, seja em luanda ainda que kianda ouça, eu digo pai e jamais há de voltar. O mar de cascais mente, e todos os outros o imitam num absurdo jogo de espelhos ou coisa que o valha. Queria que isso fosse como uma história: começar do avesso, começar sem começo, medo, suor e poema, assim nascem e se edificam. Supomos agora, que o mar seja Sérgio. Supomos a seguir que o pintor seja Alfredo. Supomos que a voz ondulada que acaricia o medo, seja Jussandra. Sérgio é engenheiro de petróleos formado no sumbe, Alfredo arquiteto e Jussandra desistiu do curso e atende caixas num supermercado qualquer. Os três encontram-se no mesmo recinto, são os anos da menina e Alfredo monta uns cortinados que quase alguém quebrava pelos empurrões da embriaguez. De oferta, trouxe um espumante que o próprio abre agraciado enquanto, aos atropelos, vai expelindo votos de vida pura naquela voz que o vinho já afunilou o diafragma.

Que o amor reine, disse ele.

Jussandra de rosto corado, abre gestos de um abraço e deita-se num tronco a qual o tempo acostumou à confiança integral. E agradece. Depois a vez de Sérgio, um colar em bronze e duas

passagens para buenos aires. A menina mata-se da emoção que a toma conta e misturam-se os gestos com as palavras, com o largo sorriso, com a vaidade e de cima os votos cantando pela não usurpação de uma ilusão já conhecida. Tanto mistério, tanto caso, tanto esconde-esconde e enfim o destino se fez conhecer. argentina e sua estrondosa capital. Alfredo retirava-se nesta altura, ou antes se bem recordarmos, e pegou ar na parte traseira do prédio a pretexto de com isso, ganhar vestígios de alguma sobriedade embora não se tenha vindo efetivamente a verificar. Procurou pelo copo ao dar-se conta da inutilidade de seu ato, e agora, a vontade era outra, queimar fosse qual fosse o vestígio de sobriedade que algures pudesse estar. O copo, entretanto, traiu-o. Estava vazio por essa altura. No entanto, teve, por assim dizer, de conter raivas e emoções as quais, também ele lhes desconhecia o nome, aquilo que sabemos que existe, mas que teimamos em lhes modificar o sentido ou o tom com que nos sai da boca na voz que só nós ouvimos. Ouviu. Duvidou que Alfredo fosse Alfredo. Se visse um espelho morria de desgosto do tão irrisório encanto que dá a podridão. Voltou ao salão, sala de estar quero dizer, e sorriu numa verdade que até o inferno acredita. Duas ou três expressões em castelhano para expressar o esperado contentamento. Um abraço de homem ao homem, e uma mão polida na mão da mulher, erguida ao alto, uma volta teatral numa espécie de giro de dança, e só ali, evidência por evidência, Sérgio e Alfredo, não de costas um para o outro, estavam na mesma sala. Foi preciso outra terra, outros povos, outra língua, outra forma de

se escalar montanhas, foi preciso uma verdade para desterrar outra. Aí estavam e o dia findava. O outro depois deste, pouco ou nada teve que nos fosse interessar, aí na zona de cacuaco onde há montes de táxis que rumam para o ex-roque, uma casa de quintal vasto, o proprietário de calções e camisa regata, antigo funcionário da zona portuária do lobito, é pai de Sérgio, contente pelo conúbio já não o pode conter, se fosse janeiro ao invés de abril agora, carrancudo e de voz fúnebre, num outro semblante que não este, jurava jussandra mulher de pouco interesse, tão pouco para o tanto que és oh filho, porém chegaram as chuvas, também o pensamento oco e demasiadamente inopinado, à mercê do caudal e do pingo branco, lavaram-se em vinho e pirão a toda sexta-feira à tarde, mesmo quinta mesmo quarta, nora muito bem-vinda à noite, neto aguardado com o melhor dos ventos uivantes, a sogra pede que coloquem música dos cantos do luena, quer que jussandra amarre um pano na cintura e dance, no meio da roda, e de lá, ao longe, comenta sempre ao pé da brasa do fogareiro, junto com outras muitas sogras e jovens cunhadas, que a nora mexe pouco, naquele tempo mexia-se mais, com mais entusiasmo, na conta do sérgio, mas se pisar em casa deles e filho meu arruma mais o lar que esta de cabelo amuado, que deus pai perdoe, mas é logo-logo uma reunião no kifica para estender essa pouca vergonha. Alfredo sai. Vai a rua semi-silenciosa, o único ruído são criancinhas empurrando pneus com barrotes lubrificadas. Copo vazio, dois suspiros, o último servido num banquete com o olhar que a si mesmo busca, fundo, redondo,

impiedoso e cruel quando acha. Busca por perdão, não sabe se o merece, não sei eu se o encontra. Regressa. Copo cheio e dois sorrisos, o primeiro igual ao segundo, enciumados ambos. O senhor pai de Sérgio agarra-o de costas, pela cintura, deixou que se lhe escapasse um reparo mordaz, não de todo, sobre a camisa às riscas em bege kalahari.

Quem vive sempre é visto, disse o pai.

Vira-se, desprevinido, desarmado. Pelo tempo que a consciência o permitir, há de conservar na memória o nutrido afeto paterno que não dura de agora nem de a pouco tempo, e por isso, apenas soube deixar-se estar, como quando a carência nos leva a fabricar amores e razões em pedras quaisquer, sem cimento nem areia, estado de alma caído do céu, ternura sem precedentes. Sente e sente que o sentiu, é um olho volátil, desprendido da cara e pele que o assombra num escrutínio do quanto vale o amor se não o entendermos, se não aceitamos. Se o olho se desprende da cara não há amor. Portanto, Alfredo parece frio, só desperta do sono da consciência quando já o senhor pai de Sérgio se desvanece dançando. Se há alturas em que o sofrimento alheio é conforto para o nosso leito, é sinal de que há alturas em que a felicidade dos outros custa, pesa, não sou capaz de a suportar. Alfredo então sai e desta vez sai em definitivo. Sérgio o procura num olhar que vagueia, Jusandra nem se recorda. E depois disso, casam-se. Amam-se tanto. Quanta felicidade desperdiçada... tu, neste vestido tradicional, ele patético, engravatado neste fato sem graça nenhuma, sem qualquer alma, percebes? Que estúpido um ho-

menzinho desses, que estúpido buenos aires, qual a piada, que grandiosidade pode haver em tão sofrida terra? barcelona, edimburgo, isto sim... berlin sim, marselha, amsterdão... buenos aires? E lia um livro, fechou-o e apagava a luz de cabeceira. Acendia-se outra, entretanto. Tocava uma melodia, marcava passos em direção ao altar, Jussandra, guiada das mãos de um deficiente de guerra, amigo do falecido pai, que jurou outra vez bandeira mal o companheiro bateu botas dessa para melhor. Chora um fiozinho de nada, rapidamente o enxuga com as costas do polegar, um medo súbito a toma conta, o de desfazer a maquilhagem toda, então retrai-se, o choro teatral bem que pode aguardar um ou dois segundos, o momento em que lhe custe menos, deus me livre das fotos para as redes saírem em caótica pose, toda a gente, no dia seguinte, fala, aponta o dedo, e quem perde seguidores é o cabelereiro da menina, isto é que está mal. O homem, Sérgio, o pai, a mulher do pai, o pastor evangélico, sua esposa, seu filho ao piano, sua filha mais nova de saltos no coral, suas ovelhas aos berros, chuvas d'arroz, Jussandra roubada das mãos do ex-militar que desfaz-se em genuína comoção, pensa no companheiro e declama Elias Dya Kimuezo, do alto céu o pai recebe, não há skincare para os que migram ao lado de cristo, então chora-se à vontade, os anjos não têm página de facebook. Ainda. A luz apagada, apagada mantém-se, o casal beija-se à beira dum sim mútuo, a mulher ergue as mãos, uma apenas, em delicada pose, e desfila o anel perante a igreja toda. Aplausos, canticos, louvado seja o senhor. Majestosa luanda que o tempo todo os ve, e o fotografo

adverte: o melhor cenário é uma edição aqui e outra mais para cima, luanda já não é o que era, mas há maculussu e samba, há marginal e ilha do cabo, há por aí luanda que se aproveite, basta que a olhemos, que busquemos por ela. Há, mas é a mesma Luanda para toda gente, o mesmo naco, respondeu o fotografo. E que mal pode haver em tão pouca Luanda para tão pouca gente que a procura? Olha que não é pouca gente que se casa nos dias de agora, digo-o por experiencia. Os casados não procuram por luanda, luanda procura por eles, luanda procura por Alfredo, menos Sérgio que muda a cor do casaco para uma foto no banco do jardim, menos Jussandra e duas fadas que afagam a cauda do longo vestido. Alfredo não sai, Alfredo não existe e ninguém se deu conta. Um pombo que se lhe nota o bater das asas, uma árvore porque as folhas abanam, uma avenida cheia de gente e um olhar para cada um deles, menos Alfredo, não há frio para luanda, há ventos e pequenos sopros, de onde então nasce a venda que nos cega o olho para o tão próximo de nós? Como uma melodia que a medida que vai tocando, vai igualmente aproximando pele à pele, dedos mais escuros encostados a face, um mesmo céu para ambos os corpos, a mesma lua, porém, insistem enfadados olhos, olhar o mar que vive por baixo, olhar estrelas que se perdem das nuvens, e nunca olhar a mão que nos toca, e nunca o céu igualitário que nos calhou em tremenda sorte, e nunca alma, nunca o olhar cruzar-se e daí nascer o desejo de partilha, da dor e do medo, da montanha ao longe cujo calcanhar jamais há de tocar, porque a mim faltam as forças e tu as tens, que estúpido

a nuvem e as estrelas se a melodia toca, que estúpido o mar quando há alma que sangra e chora, padece, e tocamos a face mas nunca vemos o outro. Que dia é hoje em que Alfredo torna a acender a luz e o quarto mantém-se às escuras? Quão cruel, fatal como o destino, é o tempo que nos atravessa: passa e vamos deixando de existir, deixando de caber, como passam as memórias de eternos momentos para luzes, relances, lembrança, dúvida, saudade, lágrima, frio e cor nenhuma. Que dia é hoje em que tudo arde? O livro diz mentiras, as memórias são mentiras, sou uma sombra ambulante vagueando num compartimento semi-aceso, semi-apagado, ora morto quando me dou conta de que vivo estou, ora vivo quando me recordo que a morte há de vir ter. Uma foto de Jussandra. A vida é tão cheia de contraditórios que a única luz nesse quarto é a foto de Jussandra na cabeceira de Alfredo. O casal visita o buffet, experimentam umas uvas e champanhe frances, dançam a primeira da noite, amam-se nos olhares cúmplices, sentam-se a parte de toda de gente, numa mesa isolada fazendo conversa de almofada: o nome dos meninos. O primeiro será Alfredo diz o pai, o primeiro será Wilson discordou Jussandra, Wilson que é segundo nome de Alfredo. Alfredo Wilson de Andrade. Ao fim ao cabo dá o mesmo, de costas ou de barriga o ser acarinhado pelos dois anda perfeitamente identificado. E onde está? Nem na igreja nem aqui. Nem nas escadas, nem em cima, nem em buenos aires porque ninguém vai, nem em si nem nos outros. Está numa tesoura, numas mãos ásperas, numas unhas por fazer, cortando dois papéis, um de cada, seden-

to por pedaços como o diabo por almas, à espera que tudo arda e vire cinza e pó. Sérgio é o primeiro a levantar-se, depois a mulher, depois uma senhora que faz vista-grossa: o casal despede-se dos que ficam, como se fossem eles os casados em completo oposto. Vão-se para o hotel do fim da rua, bem na esquina de quem faz o contorno na baixa. O fotógrafo capta, e parece mesmo que se ve melhor luanda quando se diz adeus. No hotel, não há passagens, as de buenos aires. Vasculharam a cama, os móveis de casa de banho, a estante metálica, os armários, as cómodas: não há. Ligaram ao pai, tornaram a vasculhar fosse o que fosse, não havia buenos aires em parte nenhuma. Entretanto, lembraram-se dos emais. Lá estavam intactas as passagens. Ora essa... seis e um quarto, Alfredo levanta-se e poussa os pés para fora da cama, chão frio desprovido de qualquer tapete que o aconchegasse. Viu as horas em pé, vestiu o que tinha a vestir, não mais que uma camisa de verão e uns calções por apertar e foi à cozinha. Lá, aqueceu em lume brando uma cafeteira com café já antigo e, em paralelo, lavou os dentes em frente ao espelho. Ponderou fazer a barba, todavia era tarde, o café já reclamava do calor da chama. Largou as escovas e a pasta, cruzou a cozinha, barrou um pão de forma com creme vegetal e sentou-se na fronteira com a pequena marquise que tem. Come, e sorrateiramente sorri. Não era um riso de rir e sentir-se contente. Era um riso, bem, daqueles que nos agarra e nos leva. Para onde, a gente nunca sabe. Vamos a meio do caminho e só lá, em quase-solavanco, nos perguntamos do que nos rimos. Rimo-nos da vida, dizia uma tia já fa-

lecida, e Alfredo deverá concordar. Não mais sorriu. Afinal sempre fez a barba. Tomou banho, o mais longo desta semana, lavou coisas que tinha a lavar, viu não sei o que no computador, ficou especado a rever uns folhetos de promoção de cortinados e candeeiros para a cabeceira. Depois era sete e meia. Consultou o pulso e abanou as chaves. Eram horas. Viu a barba feita no retrovisor do carro, ajeitou a gola da camisola, arrancou, e daí há setenta quilómetros, estacionava nas traseiras do aeroporto em Viana. O casal já lá estava, mais os tios e tias, mais sobrinhos pequeninos, mais a senhora que fez vista grossa, mais Alfredo a chegar do fundo. O casal vira-se e Alfredo abre gestos de um abraço gracioso. Não sabem o que me aconteceu ontem, fui parar ao hospital e tudo, começou por dizer. Tive um desmaio repentino, sorte a minha de ter os vizinhos que tenho. Vizinho é família, respondeu uma senhora de óculos. Jussandra entregou-se ao braços. Sérgio se manteve calado o resto do tempo. E Alfredo falava: ao casamento falto, mas à despedida para buenos aires, não. Sorriu e curiosamente foi ele o único e verdadeiro único a sorrir daquela maneira. Houve um ou dois que ainda se dignou ou a torcer os lábios ou fazer como quem sorri com os olhos, mas riso de riso só o dele e dele mesmo. Limpou a testa de suor nenhum, continuou a fala... Sérgio o interrompeu, Alfredo, por sua vez, interrompeu o interrupimento de Sérgio que falava nas horas do voo, e disse: não lhe roubo mais tempo, faça boa viagem e de mim, leve apenas um coração cheio, de amigo que muito estima, e este frasco de sumo caseiro, natural, só com beterraba e limão,

que foi o médico ontem que mo recomendou. Jussandra o recebeu naquele jeito entusiasta de quem compra enxoval novo e tinta para mudar a cor do soalho. Empurrou o esposo para fila de embarque e sumia-se dos olhos de quem os visse, sombra e pele, alma e corpo, espírito e nobreza daqueles dois. A família fez adeus como é comum de se ver, e o aeroporto deixara de existir. Voltamos ao mar, voltamos a mim que sou um pintor de almas, voltamos a cristo e sua morte depois da cruz, voltamos ao sangue dos homens, voltemos à Cascais e a igreja do fim da rua. Canta-se mais alto, berra-se o cheiro do mar, adia-se do comboio como fez Jussandra: morreram os dois num voo para buenos aires. Eu digo pai e as ondas são ondas a mesma, eu abro o peito antes que faça tarde, uma velha no hospital que só berrava que pecado que pecado, a despedir-se de si e eu aqui... voltemos ao mar e para que, o que ele nos dá em troca, que pecado que tenham morrido assim, que pecado o velório no quintal vasto em cacuaco, que pecado Alfredo, que pecado eu, e que pecado o fim.

